

O PODER DO DISCURSO CARISMÁTICO

Luciane Cristina de Oliveira

Resumo

Baseando-se em observações realizadas durante pesquisa de mestrado, o artigo parte da premissa de que homens e mulheres pertencentes ao movimento religioso da Renovação Carismática Católica (RCC) sujeitam-se a uma rígida regra de conduta moral, diferindo da cristandade sensual e lírica herdada dos portugueses. A Renovação busca estabelecer o 'domínio' sobre o pensamento e as práticas cotidianas das(os) carismáticas(os), frisando a presença de um Deus onipotente e onipresente em suas vidas. Impõe a repressão da sexualidade, atribuindo limitações ao casamento, como a monogamia e a necessidade de procriação, além de reconhecer esse espaço como o único legítimo para a prática da sexualidade entre a(s) fiéis. O movimento constrói a identidade das(os) carismáticas(os), fazendo-as(os) abdicar da liberdade de escolha em prol de um poder disciplinar, buscando construir corpos dóceis.

Palavras-chave

Identidade. Sexualidade. Renovação Carismática Católica.

THE POWER OF CHARISMATIC SPEECH

Abstract

Based on detailed observation of a group of male and female members of the religious movement Catholic Charismatic Renewal (CCR) during previous research, we must work on the premise that such members subject themselves to a strict moral behavior, which differs from the lyric and sensual Christianity inherited from the Portuguese. The Renewal tries to have control over the thoughts and daily practices of the followers, emphasizing the presence of an omnipotent and omnipresent God in their lives. It also demands sexuality repression, ascribing restrictions such as monogamy and necessity for procreation to marriage, hence considering it as the only legitimate space for the practice of sexuality among followers. This religious movement builds

up the followers identity, forcing them to give Up their free will on behalf of a disciplinary power, thus forming disciplined people.

Keywords

Identity. Sexuality. Catholic Charismatic Renewal.

*Agarra-te à disciplina, e não a soltes,
conserve-a, porque é a tua vida.*

Provérbios 4,13.

1 Família burguesa, reduto do poder disciplinar

Fechar os círculos, estabelecer e determinar o modo de comportamento entre as pessoas são premissas foucaultianas do controle disciplinar. Porém, de que forma? Ao fechar o círculo de amizades num grupo cria-se um vínculo acentuado entre os indivíduos, desse modo, toma-se mais fácil controlar, normatizar e fiscalizar o seu comportamento. Os espaços passam a ser demarcados com o consentimento quase inconsciente das(os) envolvidas(os), estabelecendo-se assim uma visibilidade total dos corpos e das coisas - um olhar centralizado, tomando-se o plano diretor mais constante para quem deseja instituir o conceito de disciplina no grupo (FOUCAULT, 2004). Ainda utilizando os saberes foucaultianos, a disciplina é um tipo de poder que comporta técnicas, procedimentos, ou seja, é ela que estabelece a anatomia do poder, e nada melhor que tomar como exemplo o pequeno círculo de indivíduos que constituem entre si uma intensa relação de intimidade: a família.

No meio familiar se assentam as primeiras normas disciplinares a serem seguidas por seus membros, desde o ato oficial para duas pessoas darem início a uma família - o matrimônio -, que carrega consigo uma série de procedimentos desejáveis e esperados para o casal, como a heterossexualidade, pois o objetivo central desse sacramento é a procriação, e qualquer outro destino será um desvio. Assim, é estabelecido o biopoder, a administração do poder sobre os corpos. A Igreja determina a obrigação da união religiosa entre os católicos. O padre, intercessor de Deus no mundo, determina em seu

discurso que o casal cuide um do outro, na saúde e na doença, e estabelece que só a morte os separará, ou seja, a exigência da monogamia está presente nesse discurso, esta premissa deve ser respeitada pelas(os) fiéis. A credibilidade deste discurso eclesial que 'sacramenta' a união faz a produção de novos praticantes, pois, como analisa Certeau, 'fazer crer é fazer fazer' (CERTEAU, 1996, p. 241).

A obrigatoriedade do casamento oficial, em especial o religioso, também é uma forma de restringir oficialmente a sexualidade do casal, conforme a pesquisadora Rosado-Nunes (1996, p. 77) analisa: "As famílias monogâmicas estáveis apresentam-se como o eixo de difusão da fé católica e da moral cristã." Porém, essa repressão do comportamento sexual promove o retorno à era da miséria sexual, segundo análise de Foucault (2004), uma vez que toda essa disciplina faz com que exista a frustração, o discurso se emudeça e não ocorra a prática do sexo livre de regras, Assim, é instituída a restrição das escolhas individuais na vida privada.

A partir da constituição primitiva da família, a sociedade buscou estabelecer um modelo, ou seja, formou a célula *mater* da sociedade, que é o exemplo a ser seguido por todos: a família burguesa – um casamento estável, com uma esposa/mãe voltada ao lar, ocupada com a administração das tarefas domésticas, com a educação das crianças e despreocupada com as questões econômicas, delegadas à autoridade paterna. Esta invenção social determina que cada pessoa tenha seu espaço delimitado dentro de sua casa, numa tentativa de fechar entre quatro paredes a sexualidade dos pais, qualquer outra forma é um desvio, ou seja, pecado.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. (FOUCAULT, 2003, p. 91).

2 Renovação Carismática, a gênese do retorno do poder disciplinar

A Igreja Católica, quando se deu conta da perda de fiéis frente à disputa dentro do mercado de salvação para outras denominações, convocou o Concílio Vaticano II, que se iniciou no papado de João XXIII, em 1962, e finalizou com o Papa Paulo VI, em 1965. Essa foi uma resposta da Igreja

às(aos) fiéis que, à procura de soluções para as suas aflições, ou buscaram novas formas de religiosidade ou apenas abandonaram suas crenças místicas. O abandono dos bancos eclesiásticos fez com que a Igreja diminuísse a ênfase em alguns traços tradicionais, como a assustadora figura demoníaca que tinha como meta ser o braço disciplinador das(os) fiéis, abrandando assim as regras morais. Com a abertura das normas, o meio católico passou a encarar a modernidade como um caminho sem retorno, deste modo, viu a necessidade de se atualizar frente ao processo modernizador enfrentado pela sociedade. (BERGER, 1985).

Se o Vaticano II buscou "enfrentar dilemas do mundo contemporâneo e dar respostas modernas a tais problemas"(TOSTA, 1997, p.78), um dos meios utilizados foi a restrição da crença em milagres – às vezes a única esperança que o indivíduo podia ter na vida –, estabelecendo que tudo teria que ser pensado apenas racionalmente. Como analisa Prandi (1998): "Tudo isso veio compor uma religião muito diferente, especialmente desencantada, nem sempre palatável ao gosto dos católicos, sobretudo os mais velhos, tanto que algumas inovações duraram pouco."

O inferno, a condenação de quem infringisse as regras morais da Igreja, foi sendo deixado de lado, pois a preocupação passou a ser com o dia de hoje; o mundo *post mortem* foi esquecido. Conforme analisa Carranza (2000, p. 182), "preocupadas [as instituições religiosas tradicionais] com o resistir às colocações trazidas pela ciência e pela procura de meios eruditos de legitimação, deslocaram das suas preocupações teológicas do demônio". Conseqüentemente, deixou de existir a regulação moral dos fiéis que antes, coibidos pela ameaça do Inferno, se preocupavam em balizar a sua vida conforme os conceitos católicos.

A partir do *aggiornamento'* da Igreja, na visão de muitos, os milagres deixavam de acontecer e, como reação ao abrandamento das normas e da ameaça à anomia das(os) fiéis - ou seja, das punições, uma vez que já não se falava mais em Inferno -, surgiram movimentos reativos. Como uma forma de combater a falta de Deus na sociedade, docentes e discentes da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, nos Estados Unidos da América, insatisfeitas(os) com os rumos que a Igreja tomava, passaram a orar, de forma isolada, em busca do Espírito Santo, pois acreditavam que apesar de "Deus estar morto",

† Atualização.

conforme Nietzsche' anunciara, havia a esperança de que através da oração a fé renascesse no coração das(os) fiéis, e deste modo o Espírito Santo voltasse a praticar milagres entre elas(es) (RANAGHAN, 1972).

Em 1967, o movimento religioso da Renovação Carismática Católica teve sua gênese num ambiente tipicamente burguês; as mesmas pessoas que pediam auxílio isoladamente se uniram para reviver o Pentecostes'. No ano de 1969, o movimento chegou ao Brasil pelas mãos dos padres jesuítas Eduardo Dougherty e Harold Joseph Hahm. Segundo a análise do sociólogo Prandi, este movimento constituiu uma forma de reação da Igreja dentro dela própria, contra seus segmentos politizados, e para fora, contra seus adversários religiosos (PRANDI, 1997).

Toda essa reação da Renovação Carismática fez frente à tentativa da Igreja pós-Vaticano II de se enquadrar num processo modernizador. As orientações do Concílio eram a de abrir mão de valores religiosos tradicionais na prescrição da conduta, porém esses valores são preciosos às famílias, em especial a burguesa. Esta família tradicional, numa reação à modernização, aderiu ao movimento carismático e viu nele uma nova esperança em sua vida. Os reconvertidos" à Renovação são marcados pelo *antes* e pelo *depois* de conhecerem o Espírito Santo, ou seja, pela Renovação de suas vidas. Essa expressão do *antes* e do *depois* de passar pelo portal imaginário da salvação é uma metáfora da salvação do mundo trazida à humanidade por intermédio de Maria, ícone do movimento Segundo as(ões) carismáticas(os), *antes da concepção de Maria* as pessoas estavam condenadas pela marca do pecado original de Eva, *depois de Maria aceitar a missão de Deus*, o mundo voltou a ter a esperança de salvação. Ainda segundo o movimento, Jesus morreu sofrendo na cruz para salvar a humanidade, por isso, ser católico é viver no sofrimento, para desse modo seguir os passos de Cristo e chegar próximo a Deus.

² Para o filósofo, a morte de Deus representava a descrença da humanidade em quaisquer valores que não fossem racionais.

³ No dia de Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos estavam reunidos, quando línguas de fogo pousaram sobre suas cabeças, representando o sopro do Espírito Santo (At 2, 1-4).

⁴ Na linguagem carismática, mesmo a maioria de seus fiéis tendo nascido no catolicismo, somente agora eles praticam efetivamente os dogmas dessa religião, portanto, são os 'reconvertidos' (PRANDI, 1997; CARRANZA, 2000).

Como exemplo dessa metamorfose do antes e do depois, podemos citar Dunga, da Comunidade Canção Novas, em Cachoeira Paulista, idealizador do programa bastante difundido entre os jovens *Por hoje não vou pecar* (PHN). Em suas palestras, ele conta que aos 18 anos, já entregue às drogas, teve seu primeiro encontro com o Espírito Santo e a partir dali sua vida sofreu uma grande transformação, pois foi liberto dos prazeres mundanos para viver os prazeres divinos.

Sem contextualização, o discurso de Dunga transmite a imagem de uma maravilhosa mudança em sua vida, porém, deve-se também levar em conta as cobranças que advêm dessa conversão ou reconversão à Igreja Católica, à Renovação Carismática Católica. Padre Jonas Abib⁵ afirma declaradamente que para ser *uma(um)* carismática(o) a pessoa deve *entregar-se* radicalmente, fincar suas raízes nos planos de Deus:

No trono do nosso coração está Jesus, e não podemos dar trela ao inimigo. Não tome o primeiro gole... Não jogue a primeira partida de cartas... Não fume o primeiro baseado... Não ceda ao primeiro programa... Não dê brecha ao seu inimigo, ao príncipe!" desse mundo. Seja RADICAL. (ABIB, 1996, p. 48, grifo no original).

⁵ Em 1971, padre Jonas Abib, desiludido com os rumos que a Igreja Católica estava tomando, conheceu a Renovação Carismática Católica ao participar de um retiro promovido pelo padre Haroldo Hahn. A partir desse momento ele sentiu-se iluminado pelo Espírito Santo e empenhou-se no trabalho com a juventude. Em 1978 fundou a Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista/SP, com a missão de evangelizar. Já em 1980, a Comunidade passou a ter sua mensagem transmitida pelas ondas da Rádio Canção Nova, abrindo caminho para se tomar uma grande expressão midiática da Renovação Carismática Católica, com a criação da TV Canção Nova e do *site* Canção Nova (www.cancaonova.com). Em 2004 a Comunidade deu um outro passo importante, pois inaugurou o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, um local para mais de oitenta mil pessoas.

⁶ Um dos mais importantes líderes carismáticos brasileiros é padre Jonas Abib, que coordena a Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, um nome de expressão para o movimento carismático (PRANDI, 1997, p. 112).

⁷ Referência a Lúcifer.

3 Família carismática, a prática do poder

A família carismática é estruturada sob rígidas regras conservadoras. Ela só se constitui através do sacramento do matrimônio, que fundamenta a autoridade do homem como mediador entre a família e o mundo, reproduzindo deste modo o conceito, machista e conservador, do homem ser o cabeça da família. Essas são as regras básicas da família carismática: um homem, que representa a autoridade, algo essencial na formação da unidade familiar; e uma mulher, que, pura, conceberá a prole do casal, ambos serão unidos pelas bênçãos de Deus e cada um exercerá suas tarefas no lar. O coito entre o casal só é aceito com o objetivo de reprodução, porém antes há a necessidade da união consagrada por Deus, pois a castidade ainda é superior ao matrimônio, por isso a obrigação da permissão divina para o ato sexual. As famílias que não se enquadrem nessas normas são desviantes e devem ser salvas por meio da piedade divina.

Segundo o padre Alírio Pedrini (2003), sacerdote da Renovação Carismática e autor de diversos livros que têm o objetivo de orientar as/os fiéis carismáticas(os), Deus estabeleceu um projeto divino, Ele foi o Criador e dividiu com a humanidade a tarefa da procriação. Por meio dessa justificativa os órgãos genitais têm a função específica de reprodução da espécie humana. Toma-se interessante perceber que as elucidações dadas pelo padre às(aos) jovens são diferentes para os dois sexos, desde a forma como os órgãos genitais são apresentados até a idéia do prazer do sexo ser uma 'isca' divina para a procriação para os homens, uma forma de gratificação por eles aceitarem a missão divina de cuidarem da prole, enquanto para as mulheres é valorizado o prazer de exercer o instinto materno.

Giddens, em *A transformação da intimidade* (1993), expõe suas ponderações sobre o compromisso da sexualidade feminina no casamento sempre no passado, como se essas limitações tivessem se restringido a uma sociedade antiga. No entanto, ao dialogar com o movimento da Renovação Carismática, o tempo deve ser posto no presente, pois a divisão de trabalho entre os sexos persiste, com o homem/marido sendo responsável pelo trabalho remunerado e a mulher pelo trabalho doméstico, fundamentando-se desse modo às funções diferenciadas entre homens e mulheres. Ainda sobre essa questão pode-se dialogar com Saffioti (2001), pois quando as mulheres

restringem-se às atividades domésticas não há desenvolvimento intelectual, o que as afasta cotidianamente do mercado de trabalho e da vida em sociedade.

O movimento carismático escolhe Maria para ser o exemplo, a virgem e a mãe, a representante feminina, a mulher que disse não ao pecado, ela é a imagem da primeira mãe que se ajoelha diante do filho, reconhecendo desta forma a própria inferioridade. Segundo Simone de Beauvoir (1980, p. 215), "é a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria: é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota." Os homens carismáticos são orientados a procurar essas 'Marias' em lugares santos, e esse é o desafio do Senhor, a paciência para buscá-las no lugar certo, uma vez que elas não se encontram em boates ou em ambientes promíscuos, e sim num 'lugar santo'. Com isso, a Renovação mostra-se como uma sociedade fechada, na qual somente as pessoas que se submetem à disciplina são dignas de constituir uma família feliz.

O tratamento que os grupos religiosos dão à função da sexualidade feminina é essencialmente resultado do poder (MCGUIRE, 1997). Desse modo, a Igreja, em especial a Renovação Carismática, impõe dois destinos às mulheres: o de seguir o exemplo mariano, ou seja, tornar-se religiosa e trilhar o caminho da santidade; ou o de constituir uma família, para, desse modo, exercer o instinto da maternidade. Esta função, segundo a análise de Sarti, foi naturalizada pela sociedade, pois a "autoridade feminina vincula-se à valorização de ser mãe, um universo simbólico da maternidade faz da mulher mulher, tornando-a reconhecida como tal, caso contrário ela será uma potencialidade que não se completou." (SARTI, 2005, p. 64).

Também se torna interessante dialogar com Bourdieu e ponderar essa postura do movimento carismático de valorizar o exemplo de família tradicional burguesa, na qual o casamento representa uma ascensão social para a mulher, pois ela possuirá uma família, um marido que a sustentará, e terá como única obrigação dar continuidade às gerações e cuidar das tarefas do lar, que grande parte dos homens acredita que seja uma ocupação tipicamente feminina; enquanto para os homens o casamento pode significar um equilíbrio da vida emocional, uma vez que as mulheres exercem a função de terapeutas emocionais na vida deles, ajudando-os a aceitar com mais calma as injustiças e perdas na vida profissional (BOURDIEU, 2002).

4 Confessionário, regulador da sexualidade

Na Igreja Católica, o sacramento da confissão foi instituído com o objetivo de "confortar os fiéis atestando-lhes o perdão divino. Em troca do que exigiu deles uma confissão explícita." (DELEMEAU, 1991, p. 7). Dessa forma, a instituição estipulou dádivas a quem se confessasse, como oito dias de indulgência", fato que faz essa ser uma tarefa do cristão, além de um instrumento de regulação da sexualidade dos carismáticos. Foucault, em *Microfísica do Poder*, trata a confissão como um exame de consciência, como uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de destinos incertos. "O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso" (FOUCAULT, 2004, p. 230).

Para as(ões) carismáticas(os), na vida privada a(o) fiel deve se manter distante de situações que insinuem a presença do sexo. Assim, não se permitem assistir programas televisivos que mostrem situações com cenas até mesmo sensuais. "Um discurso obediente e atento deve, portanto, seguir, segundo todos os seus desvios, a linha de junção do corpo e da alma: ele revela, sob a superfície dos pecados, a nervura ininterrupta da carne" (FOUCAULT, 2003, p.23).

Os(as) seguidores(as) do movimento, em sua maioria, assistem à TV Canção Nova, que oferece uma programação de 24 horas ininterruptas de evangelização, com programas variados para atender diversas faixas etárias, buscando, assim, 'arrebatar' um maior número de fiéis. Pela manhã, atrações voltadas à dona-de-casa; no final da tarde, gincanas com o objetivo de conquistar a audiência do público jovem; e à noite, programas educativos direcionados para a família em geral - ou seja, a programação é feita de acordo com os anseios do movimento. Se as mulheres casadas têm a função de cuidar do lar, da educação das(os) filhas(os), pela manhã são veiculados programas sobre a manutenção do lar (receitas, dicas de educação para crianças); e à noite, quando os homens retomam das tarefas públicas, a programação é dirigida para a família. Esta é uma orientação que possui dois objetivos: um é o de manter a mente do fiel livre de pensamentos pecaminosos, tendo em vista o excessivo apelo a cenas de conotação sexual que existe nos

⁸ Remissão das penas, perdão divino.

programas televisivos em geral, já que este é um recurso para alcançar uma maior audiência; o outro é o de evitar que o acompanhamento dos programas televisivos mundanos torne-se um hábito que afaste as/os integrantes da família, impedindo-as/os) de dialogar quando estiverem reunidas(os).

Desse modo, as/os) carismáticas(os) têm um Deus onipresente, onisciente e onipotente que lhes aponta os pecados e cobra uma atitude digna de obediência à disciplina carismática, ou seja, a sexualidade só é aceita sob os laços sagrados do casamento.

Nossos órgãos genitais são bons, santos e precisam servir a Deus no amor. E como? Com exceção é claro, dos casos em que se optou pela abstinência, servir no amor significa construir família, gerar filhos para esta terra e para o céu. Todo desvio desse caminho é uma distorção. (ABIB, 1996, p.44).

Qualquer expressão de sexualidade fora desse contexto é denominada como perversa, um pecado. O poder de controle da sexualidade é exercido sobre as/os) carismáticas(os) sem utilizar a palavra não, mas reproduzindo o discurso sobre a conduta moral desejável das(os) fiéis, já que, segundo a análise foucaultiana, o discurso sobre sexo não deveria ser condenado, mas sim inserido num sistema de utilidades, para funcionar em prol do bem de todos.

Para Foucault, o sexo não deveria ser julgado, mas administrado. Porém, se forem *tomadas como base de análise as regras impostas aos acampamentos e retiros do movimento carismático*, nota-se que o discurso sobre sexualidade tem o intuito de apresentá-la como fruto da perversão, evidenciando-a como anormal. Todavia, ainda assim, a coerção simbólica mostra-se insuficiente, pois o discurso é reiterado diversas vezes, sob a forma 'meninos de um lado, meninas de outro', e mesmo com esse cuidado existem brechas pelas quais as/os) adolescentes escapam. Conforme padre Jonas Abib expressa, essa é a forma como o demônio age nas(os) jovens, através de brechas (ABIB, 1996, p. 41).

⁹ Fonte: pesquisa de campo, além de *instruções* no *site* da Canção Nova sobre o acampamento de Carnaval.

O discurso essencialista¹⁰ também está presente em manuais católicos que orientam sobre a sexualidade dos jovens, pois é através da educação que homens e mulheres, e estas em especial, passam a viver para o amor – amor a seus filhos, ao esposo, a sua casa. Mas para tanto essas mulheres devem se manter puras, distante dos problemas e das tentações do mundo exterior - o mundo do trabalho -, que deve ser encargo apenas dos homens. Esse é o plano ideal para elas, pois dessa forma ficam longe da vida pública, e assim o risco de um rompimento do voto feito a Deus, o do matrimônio, é menor. As mulheres que vivem sob as amarras da Igreja estão condenadas a vestir um espartilho de obrigações, que são retransmitidas às crianças da casa durante a socialização familiar.

A educação dada às meninas pelas mães reflete o perpassar da violência simbólica, pois elas são orientadas desde pequenas sobre o modo de se comportarem, incluindo as contenções que convêm a uma mulher. Essas restrições apenas refletem os valores da sociedade à qual elas estão submetidas. Dessa forma, pode-se analisar que "a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça" (BOURDIEU, 2002, p. 18), ou seja, se as mulheres são educadas para a manutenção do poder masculino, e assim perpetuar a tradição na sociedade, qualquer alteração na ordem pode trazer desconforto ao indivíduo, já que toda rotina é sempre algo relaxante e confortável.

5 Carismáticos, empreendedores morais

Por meio dos pontos expostos, pode-se avaliar que entre as carismáticas(os) existe a formação de uma identidade peculiar, que as diferencia das(os) outras(os) religiosas(os), até mesmo das(os) próprias(os) católicas(os), tendo em vista que, como Pierucci (2007) analisa em um artigo, é fácil ser católico. Porém, entre as carismáticas(os) a percepção do que é ser católica(o) é distinta, pois para elas(es) ser católico é sofrer na cruz, como Jesus, que teve sua morte com o sofrimento na cruz. Portanto, só tem a

¹⁰ O discurso essencialista estabelece que a natureza é quem determina o destino, tanto dos homens, como das mulheres. "Quando se afirma que é *natural* que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, *naturalizando* um resultado da história" (SAFFIÜTI, 2001, p. II, grifo no original).

identidade carismática quem se entrega às normas disciplinares do movimento, quem traça um caminho na vida em busca da castidade, ou seja, mantém-se distante dos prazeres terrenos e próximo dos prazeres da santidade. A Renovação Carismática pode ser analisada como uma *ecclesiola in ecclesia* (WACH, 1990), uma vez que traçou seus dogmas, suas normas à parte da orientação dada pelo Concílio Vaticano II, e cobra avidamente, nos discursos, o compromisso moral quanto aos gestos/ações das(os) fiéis, estabelecendo o padrão de ser carismática(o), que é exigido das(os) fiéis.

Conforme padre Leo¹² proclamava em seu discurso, a sociedade favorece a despersonalização da humanidade, pois tudo é posto à venda, basta comprar para adquirir, porém os valores fundamentais do ser humano não estão à venda. "E estes valores que a sociedade moderna esqueceu e menosprezou, tomam-se grandes desafios da Igreja." (PADRE LED, 2001, p. 22). As(os) fiéis para terem a identidade carismática necessitam se sujeitar às normas e aceitar o controle constante do Deus onipotente. Só com a incorporação das normas, através da subserviência ao movimento, a(o) fiel pode denominar-se como uma(um) carismática(o).

Essas regras e modelos carismáticos devem ser assumidos pelas(os) que desejam incorporar a identidade carismática. Dessa forma é promovida a eficácia social do movimento, com o *antes* de se virem frente ao Espírito Santo - enquanto as pessoas ainda dominavam suas escolhas pessoais, tinham controle sob suas vidas privadas, sem intermediação das regras da Renovação Carismática; e o *depois* de serem abençoadas(os) pelo novo pentecostes, de passarem pela ressocialização para pertencer ao grupo carismático - após essa bênção as(ões) fiéis tornam-se dominados pelas regras, ficam sem opção de escolha de seus caminhos. As normas impostas pelo movimento fazem com que corpos antes individualizados pertençam a um corpo social específico, com novas regras corporificadas. Essas regras estão demarcadas na literatura do movimento, em função disso, podemos nos apoiar na análise de Certeau:

¹¹ Igrejinha na igreja.

¹² Um dos responsáveis pela Comunidade Canção Nova, falecido em 4 de janeiro de 2007, após uma intensa luta contra o câncer que o acometeu.

O laboratório da escritura tem como função 'estratégica': ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. (CERTEAU, 1996, p. 226).

Durante os discursos das(os) líderes carismáticas(os), aseos) fiéis são orientados a não se importarem com o que as outras pessoas possam dizer sobre a ligação que se estabelece com os compromissos eclesiais. A líder do grupo analisado durante a pesquisa de mestrado, em seus discursos, pede para aseos) fiéis se manterem na fé e não darem importância às maledicências que são proferidas contra elas(es), para que persistam diante desses obstáculos. Desse modo, conforme Goffman (1982) analisa, o aprendizado do estigma é sonoro, e para a Renovação Carismática os que agridem seus membros são, na verdade, os anormais, pois não vivem para a glória de Deus por intercessão do Espírito Santo.

6 Carismáticos em sintonia com a disciplina de Bento XVI

A sexualidade das(os) fiéis é vigiada por um Deus que controla a todas(os), esse é o discurso da Renovação Carismática. O corpo das pessoas foi projetado, imaginado pela força divina individualmente, por isso, manchá-lo com a mácula do pecado é condenar-se ao inferno. O movimento tem em seu discurso orientações constantes sobre a moral, pois esta é uma forma de demonstrar a todas(os) o perigo que se corre de perder a oportunidade de viver nas glórias da salvação. Porém, a palavra *não* é evitada, sendo apenas demonstrado o perigo que se corre ao se entregar aos prazeres mundanos, tendo em vista que Deus, o Criador, compartilha com a humanidade a tarefa de habitar o mundo, assim, o sexo só é visto com bons olhos se tiver o objetivo de procriar. O discurso carismático tem como objetivo o estabelecimento das normas do poder, essa linguagem garante e isola o poder com palavras próprias do movimento, impõe novas regras de conduta às(aos) fiéis, com a finalidade de construir corpos dóceis à nova disciplina. Todo esse processo é pautado por estratégias de dominação e amolda-astos) às formas possíveis de

sexualidade, ou melhor, à única forma possível, a coberta pelo manto sagrado do matrimônio,

Esse discurso disciplinar controlador estabelece um diálogo pertinente com as orientações de Bento XVI, que em sua primeira visita ao Brasil enfatizou no discurso as normas morais a serem seguidas pelas(os) católicas(os): ressaltou a importância da pureza antes do casamento, condenou a infidelidade no matrimônio e analisou o divórcio como uma doença da sociedade, além de criticar de forma veemente as imagens expostas pela mídia que *vulgarizam a sexualidade humana*. Todas essas orientações se coadunam com o discurso carismático, fato que pode ser visto como uma ratificação às restrições prescritas pelo movimento. Assim, o discurso da Renovação Carismática apóia-se na verdade papal, pois inscreve nos corpos o direito de controle, essas verdades são inscritas(nato) fiel pelo representante de Deus na Terra, o Papa. E é sobre essa verdade divina que o movimento se ampara. Ele tenta apagar o que o mundo escreveu na memória dos homens e reescrever novas verdades, para assim produzir um novo sujeito, uma nova identidade, a carismática.

Referências

- ABIB, Jonas. 1996. *Céus novos e terra nova*. São Paulo: Loyola.
- BEAUVÜIR, Simone de. 1980. *O segundo sexo 1: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BERGER, Peter. 2001. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, v. 21, n. 1.
- _____. 1985. *O Dossel Sagrado*. 3ª ed. São Paulo: Paulus.
- BÜVRDIEU, Pierre. 2002. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARRANZA, Brenda. 2000. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Editora Santuário.

CERTEAU, Michel de. 1996. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

DELEMEAU, Jean. 1991. *A confissão e o perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII*. São Paulo: Cia das Letras.

FOUCAULT, Michel. 2003. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 2004. O olho do poder. In _____. *Microjísica do poder*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal.

GIDDENS, Anthony. 1993. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.

GOFFMAN, Erving. 1982. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

MCGUIRRE, Meredith B. 1997. *Religions: the social context*. 4. ed. USA: Thomson. Padre LEO, SCI. 2001. *Servir no Espírito*. São Paulo: Loyola.

PEDRINI, Alírio José, SJC. 2003. *Jovens: formação afetiva e sexual*. Campinas: Raboni.

PIERUCCI, Antônio Flávio. 2007. *É fácil ser católico*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 maio. Caderno Especial.

PRANDI, Reginaldo. 1998. Crise não aumenta busca por religião, diz sociólogo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 set.

_____. 1997. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP.

RANAGHAN, Kevin; RANAGHAN; Dorothy. 1972. *Católicos pentecostais*. Pindamonhangaba: O. S. Boyer.

Luciane Cristina de Oliveira

ROSADO-NUNES, Maria José. 1996. Mulheres e o catolicismo no Brasil: uma questão de poder. In.: QUEIROZ, José 1. et al. *Interfaces do sagrado em véspera de milénio*. São Paulo: Editora Olho D'Água. RIBEIRO, J. C.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. 2001. *O poder do macho*. 11. ed. São Paulo: Modema.

SARTI, Cynthia Andersen. 2005. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres. 3. ed. São Paulo: Cortez.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. 1997. *A missa e o culto vistos do lado de fora do altar*: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro de Petrolândia, Contagem - MO. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

WACH, Joachim. 1990. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas.